

//25 DE ABRIL

DESENVOLVIMENTO
DEMOCRACIA
DESCOLONIZAÇÃO

ENTREVISTA // Boaventura Sousa Santos. O país desenvolveu-se muito nos últimos 38 anos, mas em vários aspetos está a ocorrer um retrocesso. E são cada vez mais os que reclamam uma nova revolução

Por: Eduarda Frommhold

“As lutas são outras, mas ainda não vivemos o fim da história”

O país é hoje muito diferente do que era em 1974. Mas há aspetos em que parece haver uma involução e muitos reclamam um novo 25 de Abril. O diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Boaventura Sousa Santos, dá a sua opinião.

Em que áreas considera terem sido feitos mais progressos?

Embora alguma opinião pública (com má fé ou sem memória histórica) tenda hoje a descredibilizar ou relativizar a importância do 25 de Abril, este foi o momento político mais decisivo do século XX para Portugal porque integrou a nossa sociedade no seio das sociedades europeias modernas, o que, na altura, significava, descolonização, democracia e Estado social. Em todos estes campos, Portugal imprimiu a sua especificidade.

Onde é que o desenvolvimento falhou?

Em 1974, Portugal era uma sociedade com um rendimento médio inferior à metade do rendimento europeu. Era uma sociedade de desenvolvimento intermédio, nem primeiro nem terceiro mundo, uma sociedade semiperiférica. Findo o longo ciclo colonial, a alternativa que dominou foi a de “regressar” à Europa. A integração aconteceu pouco depois, em 1986. O sonho da convergência com os países mais desenvolvidos da Europa assumiu-se como novo desígnio nacional e a torrente de fundos estruturais e de coesão que desaguou nos cofres do Estado fez crer que o sonho podia transformar-se em

realidade. A moeda única desenhada em função dos interesses dos países mais desenvolvidos, combinada com a abertura prematura dos mercados mundiais, estancaram de vez o movimento de convergência. A atual crise financeira visa consolidar a posição semiperiférica do país. Não haverá convergência: Portugal, Grécia e Irlanda serão o México da Europa.

O SNS é apontado com orgulho. Mas há evolução tendo em conta a inversão de um serviço tendencialmente gratuito para pago?

Não falaria em evolução, antes de uma subversão dos princípios que estiveram na origem de uma política de saúde democrática. As reformas que estão hoje em curso são alimentadas por uma ideologia privatística e tecnocrática que desconfia da coisa pública e visa desacreditar o princípio de que é possível um serviço eficiente



FERNANDO FONTES / GLOBAL IMAGES

te e de qualidade para todos. Não são reformas, são deformas, já que visam desfigurar o SNS e transformá-lo numa caricatura de si mesmo. Destruir o SNS em nome da sua salvação tem sido a retórica que anima um dos ataques mais preocupantes à democracia e à coesão social, convertendo a saúde num bem de luxo.

Se é certo que a educação se democratizou, o contraponto é uma oferta muito desfasada da procura e um número crescente de licenciados desempregados. É isso evolução?

A democratização do acesso ao ensino e o aumento extraordinário do número de diplomados é naturalmente um sinal de melhoria social. Achar que há excesso de qualificação é sempre um contrasenso porque o conhecimento nunca é excessivo. O desfasamento a que se refere não é um problema de democratização. É um problema de ausência de visão estratégica que se agrava com uma política económica e de emprego reféns dos imperativos irresponsáveis da austeridade.

O sentimento crescente de que se está pior hoje e que alguma coisa tem que ser feita, pode levar a um novo 25 de Abril?

As condições e as lutas são outras, mas não vivemos o fim da história. O peso do pensamento único é um convite à resignação, mas a dinâmica da resistência social tem vindo a densificar-se e a ampliar-se a múltiplos setores sociais que antes teriam reservas quanto ao protesto.

ENTREVISTA COMPLETA
www.dinheirovivo.pt

EVOLUÇÃO DESDE 1974

15%

Dívida pública

Em 38 anos, a dívida pública passou de 15% (1974) para 107,8% do PIB. No final de 2011, a dívida valia 184,3 mil milhões de euros.

//HÁBITOS

Poupança caiu a pique

Em 1974, a taxa de poupança das famílias portuguesas era de 22,6%. No final de 2011, aquele indicador estava nos 9,7%.

Despesas diferentes

Os gastos das famílias em “habitação, água, eletricidade, gás e outros combustíveis” registou um aumento, passando de menos de 14%, em 1974, para 29,2%, em 2011.

//EDUCAÇÃO/SAÚDE

Ensino Superior

O número de estudantes do ensino superior era de 38 mil, em 1970, passando para para mais de 396 mil, em 2011.

Mortalidade e vida

Nos anos 70, a mortalidade infantil era de 55 óbitos por cada mil nascidos vivos. Atualmente, essa taxa é de 4,6 por cada mil. A esperança de vida em geral passou de 67,1 anos para 79,2 anos ao longo dos últimos 40 anos.

66

“As ‘deformas’ visam transformar o SNS numa caricatura de si mesmo”

“A torrente de fundos fez crer que o sonho poderia transformar-se em realidade”

Boaventura Sousa Santos realça importância da data